



*Bernardino A. Francisco (*)*

***“Deus abençoe
a África” - O fim
do Apartheid***

*(Os limites entre o céu e o inferno, o
medo e a esperança...)*

(*) Advogado e membro do NUCAB e da
Academia Sorocabana de Letras.



A história tem provado repetidamente que a paz, a liberdade e a justiça, especialmente em sociedades divididas, somente podem acontecer através da plena democracia, com eleições regulares como uma parte integrante deste processo.

Além do que, negociações acompanhadas de um processo de democratização são o único caminho para a solução pacífica das disputas.

Desde os primeiros minutos do dia histórico em que os negros, idosos e deficientes, abrindo a primeira eleição multirracial da África do Sul que pôs fim ao apartheid, depositaram seus votos nas urnas, ouviram-se nas nove províncias da África do Sul pela primeira vez, ao menos oficialmente, os sons de “NKOSI SIKELELI AFRIKA” - Deus abençoe a África - o novo hino nacional, depois de ter sido, anos a fio, o hino clandestinamente cantado pela maioria negra, submetida ao apartheid, o nefando regime de segregação racial.

Finda a eleição, que fez Mandela o 1º Presidente negro do país, a África do Sul mais do que nunca vai precisar da bênção dos deuses para conciliar a difícil convivência de 40 milhões de pessoas divididas entre 5 milhões de brancos, 3 milhões de mestiços, 1 milhão de asiáticos e 30 milhões de negros - estes, por sua vez, subdivididos em 11 etnias diferentes, profundamente divididas em termos de renda: a dos brancos ascende a U\$ 12 mil, a dos negros dificilmente ultrapassa U\$ 300 - e isso em se tratando dos que estão empregados, pois, oficialmente, o desemprego afeta 40% da força de trabalho negra e apenas 4% da minoria branca. Metade dos negros desempregados consegue sobreviver recorrendo à economia informal, a outra metade está simplesmente fora do mercado.

A situação se agrava pela falta de moradias, produzida pelo alto índice de crescimento da população negra, cerca de 30% a.a., comparado com menos de 1% entre os brancos.

Esses dados são sintomas gravíssimos dos problemas que Mandela terá que resolver a curto prazo para atender minimamente às necessidades de empregos e investimentos de cunho social - moradia, educação e saneamento básico.

O processo de transição em andamento na África do Sul que envolve o mais substancial realinhamento de poder político, militar, social e econômico jamais completado, teve como principais protagonistas Nelson Mandela, líder do Congresso Nacional Africano - CNA, eleito Presidente; Frederik de Klerk dirigente branco do Partido Nacional - PN que acabou com o apartheid, e Mangosuthu Buthelesi, líder da comunidade Zulu, o maior grupo racial do país, com cerca de nove milhões de negros.

Mandela, desde sua libertação, há quatro anos, evoluiu da posição primitiva radical que defendia - nacionalização de todas as indústrias sul-africanas após as eleições - para uma atitude mais moderada que envolve a cooperação da maioria negra com a minoria branca.

De Klerk, que pôs fim ao apartheid, libertou Mandela e legalizou os partidos e agrupamentos negros, preconizou também um governo de união nacional. Dispôs-se a trabalhar com a CNA, porém defendendo a necessidade de preservar o sistema econômico, aberto à economia internacional.

Buthelesi, o líder do partido Nacionalista Zulu-Inkhata foi o maior obstáculo ao governo de união nacional, eis que juntamente com seu sobrinho, o rei Goodwill Zwelithini, tinha decidido boicotar as eleições para pressionar as forças políticas do país, o CNA de Mandela e o PN de De Klerk, a incluir na Constituição provisória garantias de autonomia para a Província que controlam, **Kwazulu-Natal**.

“Conclamamos todos os Zulus - proclamou o rei - a cumprir sua missão sagrada de defender nossa liberdade e soberania contra quem quer que ouse desafia-las.”

Atendendo ao apelo do Inkhata, os nacionalistas Zulus, envergando trajes tribais, lustraram seus escudos e afiaram suas lanças para sair às ruas em manifestações pró-autonomia que, certamente, degenerariam em violência.

Conseguiu seu intento. Mandela e De Klerk, nas negociações com os líderes do Inkhata, mostraram-se dispostos a conceber ao soberano Zulu um “status” especial, embora rejeitando a possibilidade da restauração

da plena soberania Zulu, perdida há mais de um século.

Diante da concessão, Buthelesi, uma semana antes das eleições, decidiu suspender o boicote e autorizou os Zulus a participarem do pleito.

Sua atitude reduziu as tensões - e as matanças que se registravam especialmente na área do kwazulu-Natal, a província que concentra os Zulus - a maior Tribo da África do Sul - que preserva suas tradições e fez com que eleições se realizassem num clima de absoluta tranqüilidade com o comparecimento maciço do povo sul africano.

Foi fundamental a participação de Buthelesi na libertação de Mandela, embora a partir da libertação deste tenham se aprofundado as divergências entre a CNA e os Zulus, e Buthelesi sido acusado de manter uma aliança com a ala mais radical dos brancos e de receber destes ajuda financeira e militar para o Inkhata, é inegável sua importância para pôr fim no apartheid, depois de 40 anos.

Aliado de Mandela na luta contra a segregação racial, quando o regime de minoria branca criou os BANTUSTOES, para nele reunir os negros e aprofundou o apartheid, Buthelesi se recusou a declarar "independente" o seu território enquanto Mandela e os outros líderes negros permanecessem presos. Sua resistência contribuiu para o malogro do plano governamental de criar uma maioria branca artificial no país.

O CNA de Mandela, vencedor das eleições, tem consciência do grande desafio que o espera, por trás do realinhamento do poder político, militar, social e econômico, completado na mesa de negociações. Por indefinidos campos de batalha ficaram, nestes 4 anos de diálogo, os corpos de 13.724 pessoas, conforme dados da Comissão de Direitos Humanos, quase 10 mortos por dia pela violência política, sem contar a elevada cota de criminalidade comum (16 mil assassinatos em 1992).

Apesar do clima absolutamente democrático em que a mesma se realizou, seria otimismo desmedido supor que a realização da primeira eleição multirracial, na África do Sul, por mais histórica que seja, baste para pôr fim à violência política e social.

Os conflitos tribais, que ensangüentam grande parte do Continente Africano, e as guerras étnicas em plena Europa amedrontam uma África do Sul democrática.

À essa pressão de fundo étnico soma-se a pressão social.

Marginalizada durante séculos, a maioria negra dificilmente terá paciência para esperar muito tempo para ter acesso a uma vida melhor.

Mandela, o 1º Presidente negro da África do Sul, sabe disso. Sabe também que para fugir dos limites entre o céu e o inferno, o medo e a esperança, o seu governo mais do que nunca vai necessitar do apelo do novo hino nacional - "DEUS ABENÇOE A ÁFRICA".